

DIALOGICIDADE - A ARTE DE OUVIR E DIZER ENTRE EDUCADORES E EDUCANDOS

Camila Martins Januário de Freitas¹

Querido educador Paulo Freire,

Deixo registrada nessas primeiras linhas minha admiração perante seus pensamentos, sua vida testemunhante e seu legado. Obrigada por se comprometer com os esfarrapados(as) do mundo, os oprimidos e as oprimidas. O encanto por sua escrita e por tudo o que você defende me abriu novos horizontes, renovou as minhas forças para retornar aos estudos acadêmicos e me faz refletir constantemente minha prática docente.

Vivemos nos últimos anos tempos sombrios. Recentemente, fomos surpreendidos com a pandemia advinda da Covid-19. Foi um período de isolamento e, infelizmente, muitas vidas perdidas pelo vírus e pela omissão de alguns representantes políticos. Vivemos tempos de medo e desesperança frente às incertezas a que fomos sujeitos. A vida sagrada foi colocada de lado, muitas vezes, por esses senhores representantes e ficou claro, professor, o quanto as diferenças de classes foram e são eminentes.

Mas, sabe Paulo, a leitura de suas obras, que versam sobre resistência e sobre a luta permanente, deram fôlego para se pensar em outro cenário possível para o nosso país. Sempre haverá pessoas comprometidas com uma existência mais humanizada, mais justa, na qual pensamos nos mais pobres, na inclusão de todos. Esse é um fator de resistência para que o mundo não se perca no fatalismo, no desamor e na desesperança.

Na minha formação inicial em licenciatura em Pedagogia, tive a oportunidade de ler alguns recortes e trechos de seus trabalhos, me instigando e despertando a curiosidade em saber mais sobre suas ideias. As minhas indagações iam ao encontro das minhas vivências pessoais, com a minha formação cristã, e da impossibilidade de me manter neutra com as questões de injustiça social. Eu sempre tive esse mal-estar quando se tratava das dores e problemas dos outros, pois não consigo me fazer indiferente com essas questões. O evangelho sempre pesou em mim e vejo que pesava também em seus ombros. Com o passar do tempo, ao entrar no Ensino Superior e na Pós Graduação, comecei a refletir sobre as vivências. Com o embasamento nas leituras de suas obras e também as de hooks, Gadotti, Saviani, dentre tantos outros, pude, assim, tomar consciência e entender o funcionamento por trás de tantas desigualdades, no qual o controle e o poder estão na mão de poucos, enquanto um número enorme de pessoas passa por situações de opressão diariamente.

Vivemos em uma sociedade de classes, de oprimidos e de opressores, que resulta em uma lógica estranha: muitos com poucos e poucos com muito. De início, confesso que me surpreendi com tamanha indiferença que esse sistema nos apresenta, com o individualismo exaltado e, pior, por me sentir muitas vezes sua presa e também ser uma reprodutora dele. Mas, continuamente procuro não me deixar imobilizar com a situação e sigo em frente,

¹Mestranda em Educação pela UFV, Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela UFV e especialista em Psicopedagogia Institucional pela UNOPAR. Integrante dos grupos de pesquisa/estudo: Núcleo de pesquisas educação e artes em diferentes espaços (NUPEADE). E-mail: camilamartins_j@hotmail.com.

sabendo que as coisas não são, estão sendo, não é mesmo? Então, todas as mudanças pretendidas estão abertas.

Como havia dito, Freire, sou aluna do Mestrado em Educação em uma Universidade Pública no Brasil. Neste momento em que lhe escrevo, estou finalizando a disciplina EDU 699 – Educação e Razões Oprimidas, ministrada pela professora Bethania Medeiros Geremias. O nome da disciplina é bem sugestivo, não é mesmo? Como proposta de atividade, fomos desafiados a escrever uma resposta a uma de suas cartas, podendo escolher livremente, conforme nossa preferência.

Hoje, te escrevo em resposta à sua terceira carta intitulada “*De falar ao educando a falar a ele e com ele; de ouvir o educando a ser ouvido por ele*”, escrita no livro “*Professora sim, tia não - Cartas a quem ousa ensinar*”². Não escolhi essa carta, ela me escolheu, pois ela é fonte rica para a escrita do meu trabalho, que aborda aspectos do que você denomina de ‘*dodiscência*’, que fala do importante diálogo que deve existir entre docentes e discentes e dessa aprendizagem mútua que se produz nessa relação para a construção do saber. Para além do mestrado, fico refletindo sobre minha trajetória formativa e sobre o quanto o acolhimento em sala de aula foi decisivo para o sucesso ou fracasso na minha aprendizagem.

Concordo com você de que já passa da hora da escola ser um espaço de acolhimento e de abertura democrática para o interesse na escuta atenta ao outro, do debate, da criação, da construção de críticas, enfim, do diálogo. Muitas questões, que poderiam ser pautadas no ambiente escolar, para indagar e formar os educandos sobre a situação social em que se encontram, são temidas pelos educadores, motivados pela repreensão dos pais e de grupos que se dizem conservadores e que julgam que a criança e os jovens não são seres ativos, que não se interessam e não têm curiosidade pelo o que os cerca.

São situações que reprimem e objetificam os educandos, cujas mentes são concebidas como depósitos de conteúdos. Não há, assim, espaço para o debate, para a dúvida e esclarecimento. Abre-se um campo perigoso para as alternativas não viáveis, para que as questões sejam saciadas, sendo que, a escola e a família são espaços oportunos para o desenvolvimento de uma cultura de diálogo e resoluções de conflitos.

Aliás, Paulo, novamente você vem sendo criticado pelo movimento conservador que se instaurou e cresceu nos últimos anos aqui no nosso país, pois mais uma vez querem fazer uma caricatura sua, como aquela de um fantasma comunista. Estamos percebendo um grupo de opressores e de oprimidos que carregam em si o opressor, que tem manipulado o povo através de pautas que tocam religião e família e assim, através do medo e de *fakes news*, controla e convence um número grande de pessoas. Temos vivenciado situações que beiram ao incerto, que geram incertezas, mas que também reafirmaram nossas ideias e nossas certezas.

Concordo com Torres³ (1996, p. 147) ao afirmar que “há boas razões pelas quais, na pedagogia da atualidade, podemos ficar com Freire ou contra Freire, mas não sem Freire.” Nós reconhecemos e assumimos ficar com Freire, pois é inegável a atualidade de seu

² FREIRE, Paulo. Terceira Carta - De falar ao educando a falar a ele e com ele; de ouvir o educando a ser ouvido por ele. In: **Professora Sim, tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020. p.83-92.

³ TORRES, Carlos Alberto. A voz do biógrafo latino-americano - uma biografia intelectual in: GADOTTI, Moacir (org.) **Paulo Freire Uma biobibliografia**. São Paulo: cortez, 1996. p. 117-147. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3078/1/FPF_PTPF_12_069.pdf. Acesso em: 14 abr. 2023.

pensamento, o quanto é pertinente e necessário mergulharmos nos ensinamentos freirianos para o enfrentamento das questões ainda desafiadoras na educação, das questões das minorias, das tecnologias, no combate às *fakes news* e tantas outras questões sociais.

Nesta sua carta, que aqui respondo com carinho e zelo, você aborda que “como educadoras e educadores, não podemos nos eximir de responsabilidade na questão fundamental da democracia brasileira” (FREIRE, 2020, p. 92). Se todos professores realmente entendessem a importância do compromisso com a opção política que a profissão necessita assumir, a nossa classe poderia ser muito mais unida, e talvez ser chamada de ‘tia’, não fosse uma questão a ser problematizada. A desvalorização da profissão advém dessa espontaneidade que concebemos à prática pedagógico-política do ato educativo, não só por parte de nós professoras e professores, mas também dos políticos e da população em geral.

Nós vivemos em uma sociedade em que muitas outras profissões são extremamente valorizadas financeiramente e admiradas, mas a profissão de professora e professor parece que caiu no fatalismo, pois sinto que somos admirados, mas não valorizados. Quando entramos em greve para reivindicar melhores condições salariais, nós somos, perante aos olhos de muitos, ingratos, estamos querendo receber muito para somente ‘cuidar de criança’. Assim, voltamos à questão do termo tia, da maternidade, do machismo enraizado culturalmente. A profissão, majoritariamente exercida por mulheres – ainda hoje – é pouco valorizada, porque ainda acreditam que se trata de um instinto natural e de que não é preciso nenhuma formação para que isso aconteça. A desigualdade de gênero ainda se faz presente, mesmo com tantas conquistas do movimento feminista pelo mundo.

A nossa formação inicial nos exige comprometimento e seriedade diante das várias leituras obrigatórias e ao cumprimento dos estágios das atividades curriculares. Além disso, o serviço de um educador não se finda ao término das aulas e nós estamos em formação permanente. Nossa profissão nos exige a pesquisa, o estudo, o ser educando para sempre, precisamos constantemente nos atualizar e realizar novas leituras e reflexões do nosso pensar e agir pedagógico, a práxis necessária. Este é o educador progressista, como você já disse muito bem, aprende ao ensinar, aprende com seu educando e com sua realidade. Nas minhas experiências com estágios e aulas, aprendi e aprendo continuamente com eles.

Realmente, Paulo, a escola seria um importante espaço para se pensar outras concepções de vida e concordo que ela não é, sozinha, a salvadora da pátria. Contudo, acredito que ela pode ser sim palco para formação de cidadãs e cidadãos que podem fazer a diferença e construir coletivamente um outro tipo de sociedade. Para tanto, a escola precisa ser democrática, ter escuta atenta, acolhimento, respeito ao saber e à vez do educando de se pronunciar, ou seja, corresponde com o pensamento daqueles que se comprometem com uma pedagogia transformadora. Ser educador ou educadora progressista exige dialogicidade, para que os educandos possam ter voz. Se todos nós professores e professoras criássemos consciência da importância do diálogo para a construção do conhecimento, muitos outros educandos se sentiriam envolvidos no processo e, assim, penso que a relação educadora-educandos seria mais frutífera.

Em meu Ensino Médio sempre me senti desconfortável e deslocada, porque todos os conteúdos eram doados e depositados. Confesso que na maioria das vezes, após as avaliações, eu só queria me livrar da maioria daquelas matérias, nunca vi sentido e relação com meu cotidiano, até porque, nunca me fizeram contextualizar os conteúdos tendo como ponto de partida a minha realidade.

Quando encontrei alguns professores – no Ensino Médio, na graduação e na pós graduação – que trouxeram outras metodologias que me fizeram refletir e ser o ponto de partida na construção do saber, senti receio da diferente e certa dificuldade em me acostumar com a proximidade com eles, como se estivesse quebrando um muro da hierarquia entre professora/professor e aluna. As raízes autoritárias e bancárias ainda apresentam forças sobre mim e às vezes me travam, pois ainda há muros que a rígida hierarquia construiu nessa relação. Porém, busco quebrar essas raízes na minha relação com meus educandos.

Quando estou atuando como professora da Educação Infantil, penso que o acolhimento é o primeiro passo para que uma criança, em tenra idade, se sinta bem no espaço escolar. A amorosidade é essencial para todas as etapas do ensino e essa é uma prática que não se pode perder ao longo dos anos de atuação. Mas, sei bem que a autoridade é fundamental, afinal, estabelecer limites e orientar atividades são imprescindíveis para que não se caia em uma licenciosidade. Diferentemente, o autoritarismo não funciona, na medida em que ele só causa distanciamento e rejeição à educadora e à escola. A experiência com professores autoritários e rígidos nos marcam para sempre e, muitas vezes, nos bloqueiam diante do aprendizado.

As crianças pequenas – na verdade, todos nós – estão cheias de curiosidades e gostam de compartilhar suas realidades e vivências com a professora e os colegas. Elas precisam cantar, levantar, usar as cores que gostam, se expressar e exteriorizar suas artes. Eu penso que para se ter um rico momento de partilha, é fundamental e estratégico, às vezes, silenciar-se, para se ter uma escuta atenta e acolhedora de seus alunos. É estranho que aos poucos essa vocação do ser mais do educando vai sendo silenciada – não silenciar para escutar, mas silenciá-los – a partir do evoluir dos degraus escolares.

O silêncio se torna uma obrigação e toda forma de ser e de se expressar vai sendo silenciada em comportamentos e pensamentos rígidos e pré-moldados. As expressões corporais e artísticas vão sendo silenciadas, ridicularizadas e, muitas vezes, até são motivos de castigos. Vamos sendo moldados para ficarmos rigidamente sentados em carteiras enfileiradas, em silêncio, olhando para frente para um mestre condutor. Nos preparam para viver e atender a sociedade autoritária que “corta as classes sociais”. (FREIRE, 2020, p. 84). Assim, as classes dominantes, de modo sempre autoritário, oprimem e controlam as classes menos favorecidas. Ao crescer, pelo distanciamento das expressões e das artes, não as apreciamos, não as valorizamos e não vemos razão para valorizá-las, para defendê-las, como direito e lazer. Não valorizamos e defendemos aquilo que não temos conhecimentos e proximidade.

O autoritarismo, sob o qual alguns educadores se fecham, cortam as possibilidades de fomentar a autonomia dos educandos. Parece que alguns professores, Paulo, se entregaram ao fatalismo que nos cerca, principalmente nos últimos anos do Brasil de agora e não enxergam mais sentido na educação, se entregaram mesmo a licenciosidade. Mas, fico mais preocupada com um grupo dos professores que têm seu discurso bem distante da prática, demonstrando a ausência de coerência entre o que se diz e o que se faz, como você mesmo sempre gostou de nos lembrar.

Suas palavras expressam que, aqueles que estão na luta com os mais pobres, estão a favor da causa dos oprimidos, defendendo a autonomia do educando e buscando suas transgressões. Porém, poucos fazem com que isso aconteça na prática, na medida em que podam qualquer iniciativa de autonomia dos seus educandos. Muitas vezes, estes professores

e professoras parecem até se sentir frustrados com os progressos de seus educandos, colaborando com um sistema que tende a empurrar para fora das escolas e universidades os estudantes das classes populares, os fazem entender que aquele espaço não foi feito e pensado para eles. Como você disse, existe o discurso progressista, mas a prática é puro autoritarismo (FREIRE, 2020) e, assim, suas palavras são ocas e não têm poder de transformação. Pior ainda, são palavras que potencializam o contrário do que dizem e defendem.

Estamos agora, através de muita luta do povo – e esperar foi fundamental nesses últimos anos pós golpe⁴ – traçando novos caminhos, e temos consciência de que não será fácil para o novo governo⁵. Mas, sabe Paulo, parece que todos nós estamos mais aliviados e o medo aos poucos vai diminuindo, o ar está menos pesado e a vida agora é prioridade novamente. E apesar do cenário precário da educação, temos sim bons professores, que atuam nas nossas escolas pelo país e que são/estão comprometidos com uma prática humanizada, que enxergam o ser humano e sabem da sua capacidade de ser mais. Esses educadores são resistência frente ao cenário de desvalorização da formação de professores, dos poucos investimentos em educação, do conformismo de muitos. Seguiremos em frente, professor, tendo suas obras como fontes de inspiração que nos dão força para lutar contra esse cenário.

Antes de terminar essa carta, ouse aqui, querido professor, apresentar uns versos inspirados na sua carta referenciada acima. Espero que esses curtos versos compartilhados sejam proveitosos para os leitores. Penso que a construção de uma poesia só é possível quando algo realmente te inspira e suas obras são fontes inspiradoras para nós educadores. Fica aqui uma forma de carinho, uma pequena homenagem para você que tanto nos inspira e nos faz perceber como podemos ser mais:

Versando sobre Professora, sim; Tia, não. Cartas para quem ousa ensinar

Professora sim, tia não, cartas a quem ousa ensinar,
Uma profissão digna que se põe com o outro a caminhar.
Para além do parentesco, ser professora é profissão,
Compromisso ético com o educando e permanente formação.

Falar a ele e com ele, e a ele também escutar,
É uma oportunidade despreziosa, para a sala de aula democratizar.
O educador progressista e comprometido sabe bem,
Dar voz não é privilégio de uns, é direito que todos têm.

O silêncio é essencial para que se possa dialogar,
o silenciar-se para ouvir o que o outro tem a falar,

⁴ Em 2016, a presidente Dilma Rousseff sofreu impeachment acusada de pedaladas fiscais, segundo Freitas (2018), a presidente sofreu um golpe articulado entre a ‘nova direita’, juntamente com os meios parlamentares, jurídicos e midiáticos, resultando assim, na quebra do movimento progressista que estava à frente do governo brasileiro a 13 anos. FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. Expressão popular, 2018.

⁵ Luiz Inácio Lula da Silva, membro do Partido dos Trabalhadores (PT) eleito pelo povo de forma democrática pela terceira vez.

Mas o silenciamento é controle e forma de opressão
Autoritarismo por parte daqueles que se sentem donos da razão.

O educador consciente da sua atuação,
Entende que neutralidade não combina com a educação,
E para construção de uma sociedade cada vez mais democrática,
Iniciemos pela docência com coerência entre a fala e a prática.

É o poder de mudar as pessoas que tem a educação,
E são essas pessoas que têm o poder de transformação,
Ousar e não ter medo, profissão e não vocação,
Reitero Paulo Freire: Professora sim, tia, não.

Deixo, ainda, aqui no final dessa carta, um desenho feito por mim!

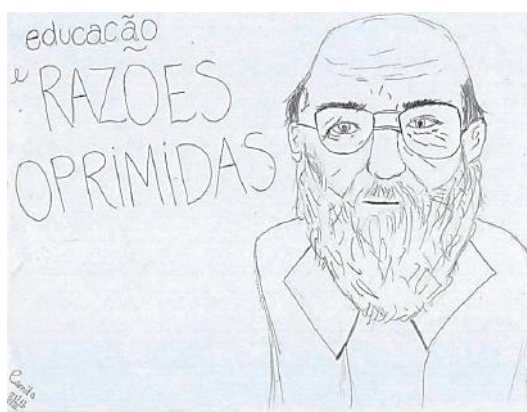


Ilustração: Autora da carta

Agora sim me despeço, na esperança de que suas palavras alcancem cada vez mais pessoas e que elas não sejam indiferentes com as causas oprimidas.

Gratidão por todos os ensinamentos,
Camila Martins Januário de Freitas